
DEPOIMENTO

VINTE E CINCO ANOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA FaE/UFMG.

Aparecida Paiva*

O ano de 1996 foi marcado por algumas comemorações de importância, tanto para a área da Educação como para a Pós-graduação brasileira: vários programas de pós-graduação em Educação deste país comemoraram os seus vinte e cinco anos e, dentre eles, o Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG.

Sabe-se que os primeiros mestrados em Educação foram criados na segunda metade dos anos sessenta, sendo que a grande expansão desses cursos ocorreu nos anos 70. Um pouco mais tarde começam a ser criados os cursos de doutorado, sendo bem mais lenta a sua expansão, se comparada à dos mestrados. Em nosso caso específico, o mestrado foi criado em 1971 e o doutorado somente em 1990.

Entre nós, as comemorações aconteceram no dia 29 de novembro de 1996. Comemoramos, a despeito da já tão debatida "crise" da universidade pública, marcada historicamente pela escassez orçamentária e compelida a transformar-se hoje, em função de legislação recente, cindida entre a imprescindível autonomia de governo e de pensamento para o cumprimento de sua missão e a inevitável (pelo menos por

enquanto) dependência financeira do Estado. Comemoramos justamente por isto: a despeito de tudo isto e muito mais, estamos conscientes do papel da pós-graduação brasileira na qualificação profissional dos docentes e, principalmente, na pesquisa que se produz neste país.

Antes de tudo, é preciso mencionar que, embora em clima de festa, queríamos que o momento fosse educativo e que, sem perder de vista o conagraçamento, pudéssemos refletir sobre nossa trajetória.

Assim sendo, dividimos o nosso dia em dois momentos principais: pela manhã demos a palavra a companheiros nossos, intelectuais de reconhecida competência e legitimidade acadêmica, que conosco estiveram em diversas situações e circunstâncias. Esses companheiros representariam, com os seus "olhares de fora", tantos outros que por aqui passaram, sendo para nós impossível reuní-los todos num mesmo dia. A essa

* A Profa. Aparecida Paiva é coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - FAE, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

mesa, demos o nome de **Depoimentos**. À tarde, encarregados dos “olhares de fora”, indicamos três ex-coordenadores, um professor e uma ex-aluna do programa. Esses professores e essa ex-aluna (agora também professora da Faculdade de Educação) nos representariam a todos com seus depoimentos, suas leituras. Esta mesa recebeu o nome de **Trajetória**.

Este depoimento é composto de fragmentos² dos textos apresentados durante esse nosso dia de comemorações.

O professor Dermeval Saviani, da UNICAMP, iniciou seu depoimento lembrando uma das maiores chagas sociais deste país, ressaltando a forma como nosso Programa, em sua área de atuação específica, a tem enfrentado:

(...) Além disso, aqui se desenvolvia uma outra problemática: o enfrentamento da situação de extrema desigualdade, típica de nosso país. Com efeito, já é lugar comum considerar o Brasil, o campeão das desigualdades as quais se manifestam nos diversos âmbitos da sociedade e se expressam das mais diferentes formas: no nível micro, em cada situação específica e no nível macro, afetando o modo de ser da própria sociedade em termos econômicos, sociais, políticos e culturais.

Conseqüentemente, também a educação traz consigo a marca dessa determinação. (...) Em tal contexto, um aspecto que sempre observei com atenção neste Programa de Pós-Graduação em Educação, e que considero da maior importância dentro do quadro das desigualdades apontadas, é o empenho em desenvolver uma atividade científica com o maior rigor, com a maior seriedade e do mais alto nível, aliado ao compromisso social, isto é, à busca da relevância não apenas teórica mas também prático-social dos conhecimentos produzidos. Isso fazia com que este programa estivesse sempre atento

2. A coordenação do Programa está organizando um caderno contendo na íntegra todos os textos apresentados no evento. O seu lançamento está previsto para setembro de 1997.

à questão das demandas populares, das necessidades da população em termos gerais, e em termos especificamente educacionais. Este compromisso traduzido na busca da relevância social associada à relevância teórica articula, num mesmo processo, os dois critérios fundamentais que, a meu ver, temos de perseguir constantemente na produção do conhecimento, na produção científica. Esta é uma característica que tenho observado como uma constante neste programa de Pós-Graduação em Educação. E isto, sem prejuízo da pluralidade, dos debates que sempre se travaram em seu interior de forma bastante intensa.

(...) o meu depoimento caminha, pois, na direção de considerar que a busca da articulação entre teoria e prática, através do compromisso social, foi a característica proeminente deste programa ao longo de seus 25 anos de existência até a presente data. Cumpra agora, aprofundá-la, desenvolvê-la e ampliá-la, mantendo-a, portanto, como o eixo de desenvolvimento deste Programa, de tal modo que ele continue prestando relevante contribuição ao desenvolvimento da educação em nosso país.(...)

O professor Luis Antônio Cunha, da UFRJ, ao trabalhar articuladamente memorização, integração e socialização, denominadas por ele de, “as três palavras-chaves”, enfatizou a importância da última tanto para o Programa quanto para a Universidade como um todo, refletindo de maneira especial sobre a questão da autonomia universitária, aí localizando o papel da UFMG, para em seguida lançar-nos um desafio:

(...) Quando penso na socialização e no papel que os veteranos têm nele, estou pensando, também, e especialmente, na construção da autonomia universitária. Preocupa-me nossa própria concepção da autonomia universitária. Não podemos restaurar o que não existiu, o que jamais existiu em nosso país. E não estou falando de dispositivo de lei, de rubrica de orçamento, mas de uma concepção de autonomia universitária. E o que é isso no caso brasileiro? Não sabemos.

Nessa mudança, tão rápida, em termos de quadros da Universidade brasileira, que estamos passando, que estamos sofrendo, eu não hesitaria em dizer que é bem complicado pensar numa universidade autônoma. O que eu tenho visto por aí, pode até estar acontecendo na UFMG também.

Penso na autonomia universitária como uma construção a fazer. Como torná-la autônoma diante do Estado, mas sem que a Universidade seja aparelhada por partido político, de esquerda ou de direita? Como levar a Universidade a inserir-se no setor produtivo sem ser uma empresa? Como a universidade pode assumir um papel ativo na disseminação dos seus conhecimentos, das suas conquistas tecnológicas, sem tornar-se uma agência imediata de substitutivos de serviços públicos? Como ser uma instituição de discussão profunda de idéias concernentes à vida humana sem ser idêntica à uma sociedade religiosa?

(...) Considerando todos esses elementos, arrisco-me a dizer que a UFMG está na vanguarda virtual. Mas terá ela condição de exercer efetivamente seu potencial? Creio que isso vai depender da sua capacidade auto-socializadora e integradora que a rememoração propiciou. Conseguirá ela incorporar os veteranos na sua atividade cotidiana e, assim, reforçar o seu elemento socializador, não só para dentro, mas para fora, para outras instituições? Gostaria de responder positivamente.

Mas, ao mesmo tempo em que faço esta declaração ostensiva de admiração e afeto pela UFMG, mantenho a capacidade crítica e, não me deixo mover somente por esse lado. Por isso faço uma pergunta final, que é também um desafio: porque não assumir um papel que já lhe coube e está disponível a sua frente?

Encerrando a mesa de depoimentos o professor Osmar Fávero da UFF elencou inúmeros contatos institucionais e pessoais mantidos com o Programa e seus professores, de maneira especial nos grupos de

trabalho da Ande e em trabalhos de comissões na CAPES, CNPq, INEP e FINEP. Ressaltou, ainda, o caráter inovador da organização do nosso mestrado:

(...) A reestruturação do mestrado projetou-o nacionalmente. Vale recordar: toda nossa pós-graduação foi organizada segundo modelo imposto pelo Conselho Federal de Educação, ou seja, em cursos estruturados em áreas de concentração. (...) A primeira Reunião Científica da Ande, realizada em Fortaleza em 1969, questionou a estrutura e as funções dos Mestrados, em um documento conclusivo, escrito por Saviani e, ao que consta, impulsionada pelo Luis Antônio. Mas a proposta de outro modo de estruturar a pós-graduação limitou-se, creio, ao caso da PUC/SP, facilitado porque "o pós" descolou-se da graduação. Os mestrados do IESAE e o daqui concretizaram-se como "de ciências sociais aplicadas à educação". Vocês foram os primeiros a superar essa concepção, já relativamente distinta da grande maioria dos outros cursos.

(...) Acompanhamos – e estou usando corretamente o plural – de perto essa inovação, esse modo diferente de conceber e estruturar uma pós-graduação, desde a seleção, passando pela organização e desenvolvimento das atividades acadêmicas, até a produção das pesquisas, inclusive como dissertações. Acompanhamos também o amadurecimento da proposta do doutorado. De minha parte, fui entendendo aos poucos a reformulação do mestrado: através do artigo do Miguel, "A reforma na prática", publicado em Educação e Sociedade; (...) pela análise da "Proposta de criação do Doutorado", atendendo à solicitação da Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa em 1990 e, sobretudo na visita que fiz, em 1992, juntamente com o professor Pedro Georgen, da UNICAMP, com vista ao credenciamento do Mestrado e já adiantando a avaliação do Doutorado.

Tanto no parecer sobre a proposta, como no relatório da visita, marquei o caráter inovador da grade curricular. Ela revelava bastante bem aquele caráter inovador pelas designações e pelos conteúdos. Mas, para quem olhava de fora, ficavam dúvidas: Vocês afirmavam a flexibilidade; trabalhavam com "matérias" (no sentido definido pelo próprio CFE) e não com disciplinas. Diziam também que os conteúdos eram programados a partir de um acordo entre os interessados/necessidades dos mestrados e as disponibilidades/interesses dos professores. Mas como fugiam das "camisas de força" da Universidade, por exemplo, dos catálogos definidos com um ano ou mais de antecedência, ou definidos para vigorar por anos? Uma solução salomônica: as matérias tinham títulos gerais; as disciplinas, conforme a programação acordada, eram definidas por um subtítulo. Inovador o modo de receber os selecionados num momento inicial de integração, trabalhando a partir de seus "memoriais". Inovador também o fato de afirmarem, remando contra a imposição das agências que só concedem bolsas de estudos exigindo liberação e dedicação exclusiva à pós-graduação, que os pós-graduandos não se afastem da prática. Manter o vínculo profissional ou o compromisso com o movimento social é importante porque se pretende refletir teoricamente sobre a prática; e produzir a partir dessa reflexão.

A professora Magda Becker Soares, dando início à mesa **Trajetória**, explicou a definição desse termo, valendo-se do dicionário Aurélio "a linha descrita ou percorrida por um corpo em movimento" e acrescentou: "A definição mostra que, na palavra, há passado, presente e futuro". A partir desse comentário inicial, apresentou várias reflexões acerca do que chamou de "pré-história e proto-história" do Programa:

(...) O que aconteceu foi que, em primeiro lugar, cursos de Pós-Graduação começam a ser criados em grande quantidade nos primeiros anos da década de 70 – por isso há tantos cursos de

PG comemorando 25 anos neste ano e nos próximos dois ou três anos; fica assim dada a resposta aos que estão perguntando por que em 1971 é que se criou este Programa: porque foi então que foram criados no Brasil os cursos de Pós-Graduação. Em segundo lugar, o que aconteceu foi que esses cursos foram criados enfrentando enormes dificuldades: não se sabia exatamente o que eram cursos em nível de Pós-Graduação, como deveriam ser estruturados. E sobretudo não havia corpo docente suficiente na instituição. Foi o nosso caso.

(...) Nesse momento inicial, o curso foi organizado com quase a totalidade de professores de fora da Faculdade, da Universidade e até de Minas Gerais; os professores vinham sobretudo do Rio e de São Paulo, onde havia mais doutores e livre-docentes, para cursos intensivos de alguns dias, deixavam leituras e trabalhos, voltavam posteriormente.(...)

(...) Mas aos poucos a Universidade e a Faculdade fomos definindo mais claramente o conceito de curso de Pós-Graduação, fomos concluindo que era preciso que esses cursos tivessem um corpo docente da própria instituição, permanente, de modo que se criasse um núcleo de docência e de pesquisa, que propiciasse aos estudantes a inserção num mundo acadêmico de estudos aprofundados, de investigação, de desenvolvimento de projetos, de orientação contínua. Nesse momento, coube a mim assumir a coordenação do Programa, que então era o curso apenas em nível de Mestrado, e o grande esforço foi dar início à constituição de um corpo docente, o que foi feito por estratégias várias; (...)

(...) Quem vê hoje nosso numeroso corpo docente – numeroso apesar das aposentadorias que se sucederam nos últimos anos – não imagina o que foram aqueles primeiros tempos. Quando, no Colegiado, atualmente, andamos discutindo critérios para incorporação de novos doutores ao corpo docente, quando hoje temos mais demanda do que podemos suportar de candidatos a docentes no Programa, quando hoje novos

professores têm sua entrada no Programa condicionada à sua inserção em uma das nossas linhas de pesquisa, eu fico pensando comigo mesma o quanto mudamos, o quanto esta instituição avançou, o quanto mudou a formação dos professores de ensino superior, quão numerosas são as alternativas e possibilidades hoje oferecidas a esses professores e aos alunos de pós-graduação.

(...) O que eu gostaria é que, ao me ouvir falar desta pré-história e proto-história do nosso Programa, não se tenha perdido o sentido de trajetória, de "linha descrita ou percorrida por um corpo em movimento", retomando a definição do dicionário; na verdade, eu falo do passado, dessa pré-história e dessa proto-história, a partir deste presente, porque, conhecendo agora já o futuro do passado, só posso falar dele, passado, com o olhar do presente; e se tento recuperar a visão do futuro deste Programa que eu tinha quando vivia aquele passado, aqueles primeiros anos, vejo, com os olhos deste presente, agora que já foi vivido esse tempo que então era ainda o futuro, vejo como o futuro de então, passado de hoje, foi muito maior, mais rico do que eu imaginava.

E com o meu vezo (vício ou virtude?) de tudo relativizar, tomando a perspectiva do tempo e do espaço – o olhar de Sirius- procuro imaginar um momento daqui a outros 25 anos em que alguém (que não serei eu, porque já aqui não estarei, provavelmente serão vários dos recém-ingressados e dos que ingressarão neste Programa nos próximos anos), alguém estará olhando para os então 50 anos deste Programa (e alguns de nós que aqui estamos hoje estaremos na proto-história do Programa...) – que neste momento, quando o que para nós, hoje, é futuro – os próximos 25 anos- for passado, se possa dizer, como digo hoje dos 25 anos que já se foram, que o futuro, que então será passado, foi muito maior, muito mais rico do que hoje imaginamos.

O professor Oder José dos Santos abordou a trajetória do Programa a partir da produção dos alunos e professores explicitando a sintonia estabelecida com a dinâmica social:

(...) Uma turma especial, diante de um quadro institucional especial, numa conjuntura econômico-social especialíssima: período da Ditadura. No entanto, a criação de um mecanismo institucional veio facilitar os trabalhos a serem desenvolvidos: a assembléia geral. Alunos e professores passaram a discutir, coletivamente, os destinos pedagógicos e administrativos do Curso. Aos nossos alunos, devemos a disposição para discutir, participar, definir rumos para nossa experiência pedagógica.(...)

(...) Nas suas ações práticas, os trabalhadores romperam com as organizações tradicionais e demonstraram possibilidade de novas organizações e de novo relacionamento social. A dissertação da Dalila, por exemplo, trata da organização no próprio local de trabalho, a adoção de práticas autônomas, coletivas, solidárias, e explica também, como os trabalhadores foram capazes de demonstrar, a partir de seus movimentos, uma outra ordenação possível para as relações sociais entre os homens.

A práxis institucionalizadora de novas relações sociais não se restringiu contudo à esfera da produção. Perpassou, também, outras instituições como a igreja. Lembro-me, por exemplo, do trabalho de Wanda sobre as comunidades eclesiais de base da Cidade Industrial. Mas esse processo amplia-se para outras instituições sociais: partidos políticos, escolas etc. Ora, esse processo de extensão para outras instituições foi possível porque se conjugaram os interesses desses trabalhadores com os movimentos populares em suas lutas por melhores condições de vida. São temas tratados nos trabalhos da Çãozinha, realizado na Cabana Pai Tomás, ou da Carla sobre a Associação de Moradores

da Vila Dr. Gaspar. As lutas por melhores condições de saúde são contempladas nos trabalhos da Raquel Rigoto, do Rodolfo Almeida, da Evanilda Maria.

As antigas instituições, porém, entram em crise e são desfeitas e refeitas devido a novas práticas, a novos conceitos que informam esses movimentos sociais, esses novos sujeitos históricos com novas exigências e com novos direitos. Lutam. Participam. As mulheres entram em cena. É o que mostra a dissertação da Silvana ao estudar esta participação durante os anos 78 a 85, aqui em Minas.

Esse novo sujeito histórico que se fez, e que se faz em suas práticas de luta, se mostra: os ferroviários resistem à exploração de que são vítimas. A dissertação da Batistina aborda essa questão ao estudar os ferroviários de Divinópolis. E os trabalhadores têxteis lutam e se educam no interior do próprio processo de trabalho na dissertação de Geralda Vânia. O operário metalúrgico da boca de forno é estudado por Neuza Guimarães.

Também, os trabalhadores rurais entram em cena. O meio rural e educação é analisado por Sandra de Freitas. Rosana examina a luta pela terra no triângulo mineiro. Dilma mostra o significado da escola rural municipal.(...)

No interior desse mestrado, vivi e experimentei relações sociais de tipo novo: coletivas, horizontais, solidárias, como ilustram algumas das dissertações apontadas. A esses e a todos aqueles que, apesar de não nomeados, vivenciaram e experimentaram esses processos, a minha homenagem. Os que foram citados foram orientados de todos os professores do corpo docente do Mestrado. Nós, alunos e professores desse momento histórico, pudemos questionar e romper com muitas verdades consideradas como prontas e acabadas. E, ao poder conviver e compartilhar, de forma coletiva, com os colegas de trabalho e os alunos essa experiência, muito aprendemos. Vivemos e aprendemos.

A fala do professor Miguel Arroyo nos remete, de novo, à proposta do Programa como um todo e reflete o desejo de continuidade do que foi construído até aqui:

(...) Toda comemoração é uma celebração da memória coletiva, um ritual carregado de sentimentos.

Celebrar os 25 anos do nosso Programa mexe com nossas vidas, com nossas esperanças, com tudo que há de mais pessoal e mais íntimo em todos nós, alunos e professores. A trajetória do Mestrado se confunde com a nossa. Gostaria exatamente de começar a reconstrução da trajetória destacando que uma das características de nosso trabalho, tem sido não separar a vida pessoal, as trajetórias pessoais e a emoção da produção do conhecimento, da pesquisa, da orientação. Não caímos no racionalismo frio. Fomos capazes de produzir conhecimento e pesquisa sem deixar de olhar a realidade com sentimento e emoção. Descobrimos algo de que hoje se fala tanto, as alternâncias entre a emoção e o conhecimento. Alternância entre sentimento e saber. Recuperar o sentimento como fonte de conhecimento. Essa é uma de nossas marcas. Estou reconhecendo essa marca não só porque estamos em um momento de celebração, mas porque ela nos acompanhou o tempo todo, fez parte de nossa proposta pedagógica. É uma marca a ser preservada.(...) Educar nossa sensibilidade com o real através da ênfase dada ao memorial, à reconstrução da prática pedagógica na Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP). Esse tempo nunca nos pareceu um tempo roubado às disciplinas, ao estudo e à pesquisa. Tínhamos a convicção de que reeducar a sensibilidade de mestres e pesquisadores para com os processos culturais e humanizadores era uma tarefa prioritária de um Programa de Educação.(...)

Outra característica do nosso Programa é que ele construiu sua identidade, sua proposta pedagógica como coletivo.(...) O Mestrado e o

Doutorado têm sido mais do que um espaço de encontro de áreas de pesquisa ou um somatório de proprietários de áreas do conhecimento com suas quotas de candidatos, seus tempos e espaços. Os produtos dos alunos e professores traziam as marcas do Programa porque este construiu sua marca durante os 25 anos.(...)

*Até o final dos anos 70 tínhamos praticamente três concursos de seleção, quotas para metodologia do ensino, para ciências sociais aplicadas à educação, para administração e política no ensino superior. Quanto nos custou acabar com esses recortes. Quanto nos custou encontrar uma terra comum onde esses recortes se reencontrassem. Essa terra comum foram os processos educativos da sociedade e, especialmente a **educação brasileira**. (...)*

De alguma forma, estou sugerindo que qualquer volta atrás seria um grande recuo. As áreas de concentração, agora linhas de pesquisa, não podem se converter em lotes, quintais que ignorem a construção permanente da identidade comum do Programa. Quando este tem uma identidade forte, as diversas linhas de pesquisa terminam se fecundando.(...)

Se estamos num tempo diferente, o que importa é manter a mesma postura, o mesmo comportamento. Construímos um estilo em nossa trajetória e esse estilo, no meu entender, é o único estilo para continuar produzindo educação, teoria educativa em sintonia com os fenômenos educativos de nosso tempo. (...)

(...) É importante, sobretudo nesse momento, olhar para os 25 anos de nosso Programa e de outros Programas e reconhecer que construímos um movimento de renovação pedagógica denso em produção teórica e profissionalmente sério em renovação de práticas e estruturas. (...)

Queria terminar destacando outra característica do nosso Programa: ter dado centralidade aos processos e não apenas aos produtos. (...) Tivemos como linha fundamental do nosso

Programa entender que o processo faz parte do produto, que o processo educativo pode ser formador ou deformador. (...)

Enfim, o que quero destacar é que essa dimensão do Programa, que foi um grande avanço na teoria e na prática da educação, não pode ser perdida, esta ênfase nos processos, nas estruturas, nos tempos, no trabalho coletivo está sendo incorporada em outros níveis da educação e em todas as intervenções inovadoras dos sistemas educacionais. É uma das dimensões mais priorizadas nas recentes reformas da teoria e da prática educativas. (...)

O professor Carlos Roberto Jamil Cury deteve-se no processo de "reeducação" de sua prática docente, refletindo, ainda, sobre a dinâmica de orientação de mestrandos e doutorandos. Refletiu, também, sobre o processo de formalização da nova proposta e seu credenciamento junto às instâncias competentes:

(...) E, na minha trajetória toda nesse Programa, esta é a marca mais profunda que eu tenho, que é exatamente, de ter sido reeducado pelo perfil de estudantes que nós acolhemos. Estudantes que, ao invés dos alunos "certinhos" que eu vi na França, eram alunos extremamente ciosos, ambiciosos, questionadores de algumas verdades que eu tinha.(...)

Num certo momento fui indicado pelo Colegiado para ser o coordenador deste Programa. Uma nova forma de ser reeducado, porque havia que se fazer o credenciamento e sem ele, nada disso que a Magda disse se faria verdade para nós. Estaríamos fora das bolsas, estaríamos fora dos financiamentos, e sobretudo, nosso Programa seria uma escola livre, mas não seria uma escola oficial. (...) Entretanto, aquela experiência me reeducou através da existência de espaços coletivos. E um desses espaços era justamente o Colegiado do Programa, um grupo coeso e determinado, mas ao mesmo tempo diversificado.

É só na associação dessas duas dimensões, da coesão, e ao mesmo tempo da contradição, uma fecundando a outra, procurando tirar da coesão a contradição e procurando tirar da contradição a coesão, é que este Colegiado ampliado me reeducou na função de coordenador. E se eu estava sendo reeducado como professor pelas formas como as disciplinas eram ministradas, fui reeducado como alguém que nunca tinha sido um administrador, nunca tinha sido um coordenador de absolutamente nada.(...) Portanto, nosso instrumento de passagem de coesão para a contradição, e da contradição para a coesão, foi sempre um instrumento de diálogo. E neste sentido, fomos profundamente universitários, porque era o diálogo, e não a violência, era no debate, e não na repressão, que nós fizemos, até quando discutíamos a indução de um ou outro professor que não queria ingressar na metodologia proposta.(...)

(...) aqui eu lembro o professor Oder, como podemos enfrentar a renovação o credenciamento do Programa se nossa pretensa virtude é a democracia e todo o processo é burocracia? Como enfrentar esta contradição? Como responder à exigência do sistema: CAPES/ CFE.

Além disso, tínhamos de justificar um novo projeto, um novo perfil. Peguei o credenciamento feito por nós a duras penas, suado, 296 páginas, e o levei em mãos para Brasília. Não sabia o que era CAPES. Não sabia o que era CNPq. Nunca tinha entrado no MEC.(...)

Fui reeducado uns anos depois, quando participei da dissertação da Cidinha, orientanda da profa. Eliane Marta e que foi a minha primeira orientanda. Eu me senti um pouco avô por conta dessa situação, que se repetiu alguns dias atrás quando a Ester Vaitsman defendeu sua tese de doutorado, cuja orientadora foi a profa. Lucília Machado, que foi minha segunda orientanda.(...) E nessa época, lembro-me bem, como eu tive de estudar para poder orientá-las. (...)

E então, o que diria hoje a quem pretendesse criar um Programa de Pós-Graduação no Brasil? Diria em primeiro lugar que é preciso que haja um alto grau de comprometimento dos seus membros, e que o grupo seja coeso. Mas é preciso que essa adesão seja crítica, porque, se de um lado, na academia, não se pode abandonar os padrões da objetividade, de outro lado não se pode também, simplesmente dar adesão a um projeto sem se ter um mínimo de empatia com ele. E essa empatia significa o reconhecimento da diversidade, do diverso, do múltiplo.

(...) É preciso ainda que o projeto de um Programa tenha sensibilidade. Eu não acredito em Programas cuja assepsia seja de tal forma que não possa acolher a dinâmica social para dentro de si. (...) E o que nos diferencia, certamente, é o fato de termos encontrado num determinado momento, um caminho coletivo para realizar estes objetivos que estão certamente no frontispício de qualquer Programa de Pós-Graduação. E esse caminho coletivo é o desafio que o Programa agora está vivendo.

Finalizando, a professora Nilma Lino Gomes, representando os ex-alunos do Programa, destacou alguns pontos da dinâmica vivenciada enquanto mestranda e teceu considerações sobre os avanços do Programa, ao longo desses anos:

(...) Falar da minha trajetória na Faculdade de Educação da UFMG e não somente no Programa de Pós-Graduação, significa muito mais do que um relato endogênico da "filha da casa", como dizem alguns. Representa dizer de um outro lugar como professora e pesquisadora.(...)

Olhar para a composição dessa mesa e para esse auditório me traz à mente um conjunto de imagens e lembranças que, tenho certeza, não estão incorporadas somente à minha memória, mas a de um grande número de pessoas aqui presentes. Gostaria, então, de destacar algumas delas: a ACPP (Análise Crítica da Prática Pedagógica), momento de reflexão e discussão con-

junta sobre os nossos memoriais, muitas vezes extremamente difíceis e complexos; a formação dos grupos de estudos a partir da aproximação de temáticas e objetivos afins; a construção dos nossos projetos de dissertação, um processo coletivo de discussão e análise; o bar do escritório e o bar Pelego's, espaços de papos acadêmicos, flertes, jogos de sedução e cerveja gelada; a solidão do momento da escrita da dissertação, processo de grande reflexão e empenho intelectual; os encontros, os desencontros e os namoros. Alguns chegaram até mesmo a resultar em casamentos; os conflitos entre orientando e orientador, ocasionando momentos de tensão; a superação da relação estritamente acadêmica, resultando em amizades significativas; o dia D da defesa da dissertação ou tese; a participação na ANPED, trazendo novidades para as nossas pesquisas e nossos trabalhos; e, por último, o grande dilema: após receber o título, o que fazer? Para onde canalizar tanto conhecimento acumulado? Candidatar-se ou não à vaga de professor da Faculdade de Educação?

Isto vai mudar a minha vida? Vai alterar a minha auto-imagem? Abrirá novas perspectivas? O que fazer? (...)

(...) Como professora da FaE, eu e tantos outros colegas que se formaram aqui, nesse Programa, levamos para a nossa prática docente a marca que o mesmo nos deixou: a discussão e a reflexão sobre a educação brasileira em sintonia com a história e com os movimentos sociais e, também, nos desafia a compreender os sujeitos sociais e a escola através da diversidade cultural.(...)

Coloca-se para nós, também, o grande desafio de realizarmos um trabalho coletivo, que seja coerente com a nossa trajetória e com a nossa própria formação. Um percurso que nos convoca a todo momento a não abandonarmos os princípios sérios e os compromissos sociais e políticos já firmados, sempre dotados de flexibilidade, agudeza de espírito e sensibilidade diante da dinâmica social.(...)

Durante esses vinte e cinco anos, foram defendidas, no Programa, 267 dissertações de mestrado e sete teses de doutorado. Hoje, o Programa conta com trinta professores em seu quadro permanente³, engajados nas oito linhas de pesquisa em funcionamento. São elas: *Análise sociológica dos processos educativos e das instituições de ensino; Educação de Jovens e Adultos; Educação e Linguagem; Educação em Ciências e Matemática; Ensino-Aprendizagem; História Social e Educação; Políticas Públicas e Educação e Trabalho, Tecnologia e Educação*. Quanto aos alunos, encontram-se, regularmente matriculados, oitenta e nove no curso de Mestrado e vinte e seis no curso de doutorado. Para o ano de 1998 serão oferecidas quarenta e uma vagas para o Mestrado e treze para o Doutorado.

Nosso desejo, nossa expectativa e, principalmente, todo o nosso empenho será no sentido de fazer com que os próximos vinte e cinco anos façam justiça ao já conquistado e sejam a concretização das promessas que já se anunciam hoje.

³ Contamos, ainda, com a colaboração de três professores aposentados que atuam na condição de professores participantes.